

CARTA DE SÃO PAULO A FILÊMOM: UMA PEQUENA E PRECIOSA PÉROLA ENTRE OS ESCRITOS PAULINOS

LETTER FROM SAINT PAUL TO PHILEMON: A SHORT AND PRECIOUS PEARL AMONG PAULINE WRITINGS

*Claudio Roberto Buss*¹

Resumo: A Carta a Filêmon é a mais curta e pessoal do epistolário paulino. Em apenas vinte e cinco versículos, Paulo escreve do cárcere para defender a causa de Onésimo, um escravo de Filêmon, que por alguma ocasião desconhecida fugiu do seu patrão e encontrou com Paulo. Este pequeno florilégio paulino transmite um conteúdo revolucionário sobre uma das questões que o cristianismo das origens foi obrigado a, que de alguma forma, dar uma resposta: o problema da escravidão, uma realidade fortemente constituída no Império Romano. Paulo com maestria retórica e com tato cristão procura convencer Filêmon que Onésimo “gerado em Cristo na prisão” é chamado a fazer parte de uma única família, na comunhão e fraternidade eclesial.

Palavras-chave: Paulo. Onésimo. Escravidão. Liberdade em Cristo. Comunhão eclesial.

Abstract: The letter to Philemon is the shorter and more personal of pauline’s epistolary. In only twenty-five versicles, Paul wrote from the jail to defend Onesimus’ cause, a Philemon’s slave, that some unknown occasion ran away of his boss and met with Paul. That small pauline’s anthology transmits a revolutionary content about one of the questions that the primitive christianity had to give some answer: the slavery problem, a substantially reality founded in Roman Empire. Paul with a mastery eloquence and a cristian tact demands to convince Philemon that Onesimus “raised in Christ in the jail” is called to be part of a unique family, in communion and eclesial fraternity.

Key words: Paul. Onesimus. Slavery. Released in Christ. Ecclesial fraternity.

Introdução

O conhecido biblista italiano Giuseppe Barbaglio abre o seu comentário à Carta a Filêmon demonstrando a importância da mesma para a tradição eclesial. Em primeiro lugar, porque esta breve carta permite captar o “tom humano, afetivo, a delicadeza do ânimo” de Paulo. Em segundo lugar, porque é relativa ao tema da “escravidão”, questão intrigante ao início do cristianismo.² Outros autores, como o teólogo e biblista francês

¹ Doutorando em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana de Roma, Roma, 2013). Licenciado em Filosofia (Fundação Educacional de Brusque, FEBE, Brusque, SC, 2001). Bacharel em Teologia (Faculdade Dehoniana de Taubaté, SP, 2007). Professor de Novo Testamento na Faculdade Dehoniana – Taubaté – SP. Presbítero Dehoniano. E-mail: claudiorobertobuss@gmail.com ORCID: 0000-0001-7245-9310

² Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *As cartas de Paulo II*, 1991, p. 415.

Henry Maurice Goguel, enfatizam que “talvez do ponto de vista estilístico, é a melhor carta de Paulo, verdadeira obra-prima de tato e do coração”.³

O estudioso norte-americano M. Eugene Boring, com obras traduzidas no Brasil, procura demonstrar que este breve texto de Paulo não é apenas um “bilhete” enviado à Filêmon, mas uma verdadeira carta, um exemplo de carta helenística que desfila pelo Novo Testamento. Não se trata, portanto, segundo Boring, de uma carta individualista, apesar de conservar um cunho bastante pessoal. Em suma, como nos diz o autor: “uma carta apostólica e eclesiástica, e não uma nota particular individualista”.⁴

Ao início da carta, percebe-se que ela não é endereçada apenas a Filêmon, mas: “[...] a Filêmon, nosso bem-amado colaborador e a Ápia, nossa irmã, e a Arquipo, nosso companheiro de armas, e à Igreja que se reúne em tua casa” (v. 2). Como diz Boring:

o endereço pessoal no singular é moldado pela própria comunidade no plural; o apelo pessoal a Filêmon não é apenas sobre a base de um para um, entre Paulo e Filêmon; a igreja é abordada, e o apelo de Paulo a Filêmon é feito dentro do contexto e da audiência de toda a igreja.⁵

O argumento de que esta “breve carta” foi preservada na coleção paulina, e entrou para o cânon, revela que ela sempre foi lida como um documento eclesial. Paulo pode ter escrito outras cartas pessoais e breves, mas estas não foram transmitidas pela tradição, por motivos diversos e desconhecidos, ou de incorporação em outros textos ou mesmo porque tratavam de temas quiçá muito pontuais. Se a Carta a Filêmon não tivesse linhas teológicas importantes, ou mesmo se fosse um “bilhete” muito pontual e individual, talvez não tivesse sido inserida no *Corpus Paulinum*.⁶

1. Paulo ancião e prisioneiro

Inicialmente, procuramos trazer à tona elementos iluminadores da teologia de Paulo ao leitor e às comunidades eclesiais, desta breve carta, com alguns dados contextuais da mesma.

³ Cf. TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia, *Introdução à Filêmon*, 2015, p. 2341. A partir daqui referenciamos unicamente pela sigla TEB.

⁴ BORING, M. Eugene, *Introdução ao Novo Testamento. Questões Introdutórias do Novo Testamento e Escritos Paulinos*, 2015, p. 381.

⁵ Cf. Idem, p. 381.

⁶ Cf. Ibidem.

No centro do texto está o caso de Onésimo, um escravo, que fugiu do seu patrão, Filêmon, e refugiou-se junto a Paulo, talvez em busca de proteção, ou por desejar encontrar Paulo, ou outros fatores desconhecidos. Onésimo está ausente da casa de seu senhor, e em situação complicada. Por isso, precisa de alguém que interceda por ele. Não sabemos porque Onésimo fugiu. A Bíblia TEB, na sua *Introdução a Filêmon*, indica que talvez fugira por alguma falcatrua cometida por ele (cf. Fm v. 18)⁷. Tendo encontrado Paulo em condições que não nos são relatadas, afeiçoou-se a ele e se converteu (cf. v. 10). Paulo, por sua vez, afeiçoou-se a Onésimo e o constituiu seu colaborador. Na carta aos Colossenses o designa “este irmão fiel e caríssimo” (4,9). É mais sensato aproximar-se da posição de Giuseppe Barbaglio, que defende que possivelmente Onésimo tenha escutado falar de Paulo na casa de Filêmon, que mantinha estreitas relações com o apóstolo. O fato de encontrar-se com o ‘prisioneiro de Cristo’ (vv. 1 e 9) foi a ocasião propícia para uma nova condição de vida (em Cristo).⁸

Paulo provavelmente, como cidadão romano, está aparentemente encarcerado num tipo de prisão que lhe permitia receber visitas e escrever cartas. Paulo o converte na prisão (cf. v. 10). Agora Onésimo, fugitivo de seu senhor, tornou-se cristão sob a tutela de Paulo e retorna com uma carta do apóstolo que solicitava reconciliação e aceitação.

A Bíblia TEB, na *Introdução a Filêmon*, assinala que o patrão de Onésimo podia tomar-se de ressentimentos pela indiscrição de Paulo que, sem ter recebido consentimento seu, nem sequer tê-lo avisado, tomara a seu serviço o escravo fugitivo. Ademais, consoante o direito em vigor, Paulo, ao conservar consigo um fugitivo, tornava-se cúmplice de grave infração do direito privado. Finalmente, o próprio Onésimo arriscava-se a ser procurado e posto na cadeia antes de, à força, o devolverem a seu dono, que podia lhe infligir um grave castigo.⁹ Entretanto, não se limita a devolvê-lo. Envia simultaneamente a Filêmon uma carta, na qual implora-lhe que receba o seu escravo, não só como “um irmão muito amado” (v. 16), mas, ainda mais, como se fosse ele mesmo, Paulo (cf. v. 17).

É fundamental ainda, em um segundo passo, colher alguns dados da própria carta relacionando-os com outras passagens do epistolário paulino para melhor entender o que está por detrás do conjunto do texto.

⁷ A partir daqui, quando não indicado diversamente, a citação bíblica ao interno do texto refere-se à Carta a Filêmon, e será indicada apenas com o versículo correspondente (v.).

⁸ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *As cartas de Paulo II*, 1991, p. 416.

⁹ Cf. TEB, 2015, p. 2341.

O primeiro dado a ser observado é que o nome de Filêmon aparece também na Carta aos Colossenses, como acompanhante de um certo Tíquico, enviado por Paulo à comunidade de Colossos, pequena cidade da Frígia, não muito distante de Éfeso (cf. Cl 4,7-9).¹⁰

O segundo dado a ser observado é dar-se conta acerca da condição na qual Paulo se encontra, ou seja, está na prisão, como indicam alguns versículos do próprio texto: “Paulo prisioneiro de Jesus Cristo” (v. 1), que “gerou na prisão Onésimo” (v. 10) e espera que este o sirva na “prisão pelo Evangelho” (v. 13). Além disso, é digno de nota de que ele se declara um “ancião” (cf. v. 9). É possível afirmar que no mundo antigo o estado de ancião se colocava entre cinquenta e sessenta anos.

Um terceiro dado importante está no final do texto: Paulo, ao concluir a carta com uma saudação, lista cinco missionários, seus colaboradores na evangelização, que enviam cumprimentos a Filêmon. São eles: Epafras, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas (cf. v. 23-24). Epafras é membro da comunidade de Colossos (cf. Cl 4,12) e não deve ser confundido com Epafrodito que provém de Filipos. O nome de Marcos é, de certa forma, frequente em outros textos neotestamentários: é, por exemplo, citado em Cl 4,10, onde é apresentado como primo de Barnabé. Se é o mesmo João Marcos citado em At 12,25 e 15,37, se pode pensar em um cristão de origem judaica, que se separa de Paulo na primeira viagem missionário pela Ásia Menor (cf. At 15,37-38). É digno de nota que a tradição cristã colocou sob a sua paternidade a redação do Segundo Evangelho. Aristarco é também citado em Cl 4,10, e seja talvez o mesmo colaborador acenado em At 19,29; 20,4 e 27,2: um cristão proveniente de Tessalônica, que acompanha Paulo durante a terceira viagem missionária, quando do seu retorno a Jerusalém (At 20,4) e na viagem a Roma (At 27,2). De Demas sabemos bem pouco: é citado em 2Tm 4,10, onde se diz que abandonou Paulo por amor ao mundo presente. Enfim, Lucas, citado em Cl 4,14 como médico e em 2Tm 4,11, mencionado como o único a permanecer com Paulo. A ele a tradição cristã dos primeiros séculos atribuiu a autoria do Terceiro Evangelho.

2. Ocasão, data e local

De acordo com os dados da Carta, Filêmon era um convertido pessoal de Paulo (cf. v. 9), e teve uma função missionária junto com este (cf. v. 1). É referido como

¹⁰ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.*, p. 415.

“colaborador”, mesma expressão utilizada também para Marcos, Aristarco, Demas e Lucas. Filêmon é originário de Colosso (cf. Cl 4,9.17), cidade onde Paulo não foi missionário e, pelo que consta, nunca visitou (cf. Cl 1,4.9; 2,1). A missão paulina nesta região ao sul de Éfeso foi confiada a seus colaboradores.

O debate entre os estudiosos de Paulo é intenso no que tange ao local e data em que esta Carta foi escrita. A maioria opta por Éfeso, o que situaria o escrito em meados dos anos 50 d.C. Outros a situam durante o seu aprisionamento em Cesaréia Marítima, o que colocaria o texto alguns anos depois (por volta de 58 d.C.). Um bom número de estudiosos situa o escrito durante a última etapa da vida do apóstolo, ou seja, durante sua prisão Romana, e então logo ao início dos anos 60 d.C.

Conforme o que já foi apontado anteriormente, Paulo está na prisão quando escreve (vv. 1.9.13.23). Não há nenhuma menção no epistolário paulino ou em Atos dos Apóstolos de que Paulo durante o seu trabalho em Éfeso tenha sido aprisionado. Entretanto, levando em conta o extenso tempo de atividade do apóstolo nesta cidade (cf. At 20,31), não se pode descartar a hipótese de que em algum momento Paulo tenha sido encarcerado. O biblista italiano Giuseppe Barbaglio escreve que, “embora fale mais de uma vez da situação em que Paulo vivia (cf. 10.13.22), não esclarece sobre sua localização, deixando a questão em aberto”.¹¹ A hipótese *efesina* da Carta a Filêmon nos parece a mais sensata: se Onésimo é de Colossos, conforme apontado anteriormente, é mais fácil retratá-lo como viajando de Colossos a Éfeso (cerca de 190 km) do que a Roma (cerca de 1600 km). M. Eugene Boring traz um dado que, ao nosso parecer, reforça o argumento: “depois da morte de Paulo, provavelmente Éfeso continuou como o centro da escola paulina, onde as cartas de Paulo foram reunidas, editadas e distribuídas, esse cenário centrado em Éfeso ajudaria a explicar a inclusão da pequena carta de Filêmon na coleção”.¹²

3. Filêmon e sua Igreja doméstica

A partir das considerações já realizadas acerca da ocasião, local e data do escrito, é fundamental adentrar no “mundo” do destinatário da missiva. Além de Filêmon, a carta é destinada também à irmã Ápia e Arquipo (v. 2). É difícil precisar o tipo de relação entre estas pessoas: se Ápia é esposa ou irmã de Filêmon; se Arquipo é filho de ambos, um

¹¹ BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.*, p. 416.

¹² BORING, M. Eugene, *op. cit.* p. 386.

parente ou um simples irmão na fé. Infelizmente Filêmon e Ápia são mencionados somente nesta passagem no NT, enquanto Arquipo é citado também em Cl 4,17: se é a mesma pessoa, isto corrobora o local em que a comunidade doméstica de Filêmon está situada, ou seja, em Colossos.

Onésimo, o escravo fugitivo da casa de Filêmon é citado nominalmente duas vezes durante a Carta (v. 9; 15). O nome de Onésimo é também mencionado em Cl 4,9, onde é definido “fiel e amado irmão”, e por consequência é originário de Colossos. Onésimo será citado por Santo Inácio de Antioquia na sua Carta aos Efésios: “Em nome de Deus recebi vossa comunidade na pessoa de Onésimo, pessoa de indizível amor, vosso bispo (*Efésios* 1,3)”.¹³ Não sabemos, por certo, se se trata do mesmo Onésimo escravo de Fm 10. Se é verdade, então, constatamos que Onésimo teve uma função importante na comunidade de Éfeso entre o final do séc. I e início do séc. II.

De tudo isso, concluímos que, em Colossos, surge uma comunidade, que se reúne na casa de Filêmon, que, de alguma forma, está ligada à pessoa de Paulo pela evangelização recebida.

4. O problema da escravidão

A Carta a Filêmon toca uma das questões sociais importantes que o cristianismo em suas origens teve que de alguma forma refletir: a escravidão em si e, mais especificamente, a realidade dos escravos neo-convertidos. Como nos retrata Giuseppe Barbaglio, “o problema da escravidão impôs-se às comunidades cristãs. Não poucos eram os escravos que se converteram à fé cristã.”¹⁴

A escravidão, como nos aponta M. Eugene Boring, era uma instituição social quase universalmente aceita na época dos albores do cristianismo. Em algumas partes, a maioria da população era escrava. A escravidão significava que uma pessoa era propriedade de outra. Escravos podiam ser comprados e vendidos, emprestados e dados a outras pessoas como presentes. Além disso, escravos não tinham status social e possuíam poucos direitos legais.¹⁵

¹³ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA apud BORING, M. Eugene, *op. cit.* p.386. Não há como decidir a questão, mas, adaptando um provérbio italiano – *Se non è vero, è ben trovato* - , ainda que não seja verdadeira, mesmo assim vale a pena ser proposta. Cf. BROWN, Raymond, Carta a Filêmon, In Id. *Introdução ao Novo Testamento*, 2004, p. 673.

¹⁴ BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 419.

¹⁵ BORING, M. Eugene, *op. cit.* p. 387.

Embora, uns poucos filósofos ensinassem a qualidade essencial de todos os seres humanos, escravos e livres, diretamente não defendiam a abolição da escravidão enquanto instituição, e praticamente todos aceitavam a escravidão como uma parte necessária da ordem social e econômica. Como nos apresenta M. Eugene Boring: “a questão era dificilmente levantada no mundo antigo, assim como, numa cultura capitalista, a questão da legitimidade da instituição de propriedade privada é assumida, e a questão da injustiça provocada pela propriedade privada é raramente levantada”.¹⁶

A carta à Filêmon nos dá nossa única janela para uma casa cristã do primeiro século com escravos, nosso único quadro do que a fórmula de Gl 3,27-28 significava na prática. Entre as coisas que podemos aprender da Carta a Filêmon: Um proprietário de uma casa se tornava cristão, ele ou ela não eram pressionados para libertar escravos quando se convertiam. Filêmon, um proprietário de escravos, era colaborador de Paulo, um líder de uma comunidade cristã. Se tornar-se cristão comportava a liberdade dos escravos, esta questão teria sido resolvida antes da carta que Paulo escreveu.¹⁷

Paulo, nas entrelinhas da Carta a Filêmon, enfatiza o interesse pela mudança existencial ocorrida tanto no patrão como no escravo cristão, que agora passam a pertencer, em pé de igualdade, ao único e mesmo Senhor Jesus.¹⁸ Porém, M. Eugene Boring, levanta uma questão que nos parece pertinente: perguntar se Paulo e Jesus “aprovavam” ou não a escravidão é forçar uma perspectiva moderna sobre um tempo e uma cultura distintos. Nós vivemos num tempo com uma cosmovisão diferente dos valores e direitos das pessoas.¹⁹

Giuseppe Barbaglio nos retrata que o Novo Testamento não é revolucionário no sentido moderno; mas é menos ainda conservador. Ele, na verdade, não age diretamente na transformação da instituição social. Visa a uma transformação radical das relações pessoais. Recorre continuamente aos valores da fraternidade e do amor.²⁰

Devemos notar, no plano do conteúdo da carta, a presença característica do tema do amor. O adjetivo *agapêtós* (= caríssimo) e o substantivo correspondente *agápé* (= amor) aparecem mais de uma vez e sustentam a estrutura organizativa do discurso. Filêmon é chamado de “nosso irmão caríssimo” (cf. v. 16); Paulo também agradece a Deus por causa do amor e da fé de Filêmon (cf. v. 5), confessa que o amor do destinatário

¹⁶ BORING, M. Eugene, *op. cit.* p. 388.

¹⁷ BORING, M. Eugene, *op. cit.* p. 389.

¹⁸ BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 419-420.

¹⁹ Cf. BORING, M. Eugene, *op. cit.* p. 390-391.

²⁰ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 420

pelos fiéis de Colossos enche-lhe o coração de alegria e consolo (cf. v. 7) e pede-lhe em nome do “amor” (cf. v. 9). A intervenção de Paulo, portanto, não se coloca sob o plano da lei. Ao menos diretamente, não toca na instituição social da escravidão. Sua palavra, ao invés, tende a incidir sobre a qualidade das relações entre patrão e escravo, e a transformação pedida, no caso concreto, refere-se à esfera da experiência cristã de fé, caracterizada como fraternidade e relação de amor.²¹

5. Disposição retórico-literária da Carta²²

•Parte introdutória (Fm 1-9):

prescrito (vv. 1-3)

exórdio²³ (vv. 4-9)

•Corpo epistolar (Fm 10-20):

tese da carta²⁴ (v. 10)

probatio²⁵ (vv. 11-19)

peroração²⁶ (v. 20)

•Parte conclusiva (Fm 21-25):

recomendações epistolares (vv. 21-23)

saudações e augúrios finais (vv. 23-25)

5.1. Prisioneiro de Cristo (Fm 1-9)

A seção introdutória de Fm 1-9 compreende o frequente prescrito epistolar (vv. 1-3), a ação de graças (vv. 4-9). O prescrito é introduzido da *titulatio* do emissário “Paulo,

²¹ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, op. cit. p. 418.

²² Cf. PITTA, Antonio, *L’evangelo di Paolo. Introduzione alle lettere autoriali*, 2013, p. 304.

²³ O exórdio é a introdução de um discurso. Tem uma tríplice função: dar o tom, estabelecer o contato com os destinatários (tornando-os atentos e benévolos), anunciar o assunto (brevemente). Cf. ALETTI, Jean-Nöel et alii, *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*, 2011, p. 102.

²⁴ A tese também chamada de *propositio*, consiste em dizer em poucas palavras a ideia que se quer demonstrar, a posição que se pretende justificar, explicar, ilustrar. É ela que desencadeia a argumentação, uma vez que é exatamente a proposição o que a argumentação deverá justificar, explicar, ilustrar. Cf. ALETTI, Jean-Nöel et alii, *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*, 2011, p. 103.

²⁵ A *probatio* ou argumentação é o conjunto de provas ou procedimentos que visam fundamentar ou sustentar ideias que se deseja passar. Cf. ALETTI, Jean-Nöel et alii, *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*, 2011, p. 102.

²⁶ A peroração fecha o discurso ou a argumentação. Sua forma é variável. Pode consistir em uma breve repetição dos principais itens ou pontos desenvolvidos; pode também ter um tom emocional, no qual se tiram as consequências da demonstração feita. Cf. ALETTI, Jean-Nöel et alii, *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*, 2011, p. 102.

prisioneiro de Cristo Jesus” e do co-emissário “o irmão Timóteo”; prossegue com a *adscriptio* ou o destinatário da carta: “Filêmon, Ápia, Arquipo e à igreja doméstica” e se fecha com a *salutatio*, no augúrio da graça e paz divina. Podemos estabelecer que uma igreja doméstica se reúne na casa de Filêmon. Entre os atributos escolhidos na prescrito, ressalta-se o termo “prisioneiro” para Paulo e “amado” para Filêmon (v. 1). Percebemos logo a situação em que se encontra Paulo, bem como a ligação afetiva de Paulo com Filêmon.²⁷

Paulo qualifica-se literalmente como “prisioneiro de Cristo”. De fato, ele está na prisão, como o diz claramente nos versículos 10, 13, 22, e esclarece que a causa é a pregação do evangelho (cf. v. 13). Falta, sem dúvida, o título de apóstolo, que aparece com insistência nas grandes cartas (1 e 2Cor, Gl e Rm), mas não se pode dizer que não esteja expressa a consciência de sua missão apostólica. Ao contrário, ele a enfatiza, mostrando suas consequências mortificadoras. Na realidade, *o apóstolo de Cristo é, agora, o prisioneiro de Cristo*.²⁸

A novidade mais importante, porém, é oferecida pelo destinatário: ao menos diretamente, Paulo escreve não a uma comunidade cristã, mas *a um indivíduo*, “ao nosso caríssimo colaborador Filêmon”²⁹. Deve-se chamar a atenção para o adjetivo *agapêtós* (=caríssimo) que se exprime em geral o afeto de Paulo pelos fiéis. Assume um particular significado no contexto da carta em que o tema do amor (*agápê*) é central (cf. vv. 5, 7, 9, 16).³⁰

Quanto aos *agradecimentos/exórdio/ação de graças*, a fórmula segue literalmente um esquema estereotipado das cartas paulinas. Paulo é sempre o apóstolo que intercede em favor dos destinatários, pedindo que lhes seja concedido o dom (= *cháris*) divino da salvação (= *eirênê*), mediado por Cristo.

Interessante perceber como no v. 5 Filêmon é elogiado pela sua fé em Cristo e pelo amor para com os santos. Filêmon, portanto, é a prova viva da graça de Deus agindo na história humana, de acordo com Giuseppe Barbaglio.³¹ Neste sentido, o apóstolo

²⁷ Cf. PITTA, Antonio, *op. cit.*, p. 305.

²⁸ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 422. (grifo nosso).

²⁹ Mas, aqui seguimos também os comentadores que frisam que o escrito não pode ser em si caracterizado como privado, porque Paulo alarga o leque dos interlocutores a ponto de incluir a própria comunidade cristã local que se reúne na casa de Filêmon. Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 423; FITZMYER, Joseph, “A Carta a Filêmon”. In BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 2011, p. 595.

³⁰ Idem, p. 423. Interessante observar que Arquipo é citado como “companheiro de armas”. Observa bem G. BARBAGLIO, *op. cit.* p. 423 que a imagem militar exprime sua combatividade, num ambiente hostil na defesa da causa do evangelho, junto com o apóstolo.

³¹ BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 423.

agradece não ao destinatário, mas a Deus que é em última análise, possibilitou-lhe a vida nova. Esta lembrança, se transforma, na pena de Paulo, em canto de ação de graças ao Pai, seguindo o estilo da personalíssima piedade dos salmos. É interessante a sintomática presença da díade teologal: amor – fé. A *agápê* aparece em primeiro lugar, fazendo assim Filêmon pressentir como Onésimo deve ser acolhido.³² A fé e o amor são a base da comunhão (*koinonia*). Paulo intercede, portanto, para que esta comunhão se torne eficaz. Afirma Ivoni Richter Reimer: “o amor e a comunhão são manifestações profundas da solidariedade que perpassa e transforma as relações”.³³

Assim explicita a *Bíblia do Peregrino*:

a costumeira ação de graças e o pedido preparam decididamente o assunto ao concentrar-se na fé, no amor e na solidariedade. Porque o assunto vai ser tratado à luz da fé (não por interesses humanos), e a norma suprema será o amor ao Senhor e aos irmãos. É desse modo que Filêmon deverá decidir; e Paulo estará certo da boa disposição do seu interlocutor.³⁴

Nos vv. 8-9 Paulo faz a sua autoridade entrar em jogo. Ele ressalta explicitamente que não quer fazer uso de sua autoridade e renuncia ao título de apóstolo, mas justamente através disso, ele põe sua posição de uma forma muito mais eficaz na balança.³⁵ Ele poderia, como nos diz Ivoni R. Reimer utilizar da sua autoridade apostólica para, *em Cristo*, ordenar o que convém. Mas, isso resultaria na obediência de Filêmon por obrigação. Ele quer na verdade, o consentimento de Filêmon. Por isso, abdica da autoridade apostólica e prefere, *por causa do amor*, fazer um pedido.³⁶

Este exórdio da Carta a Filêmon serve como uma janela para fazer entrever o contexto ideal no qual Paulo pretende se mover, em sua intercessão por Onésimo. Como retrata Giuseppe Barbaglio: “Um caso de natureza tipicamente jurídica e social, como é a fuga de um escravo, é tratado no terreno do direito e da lei, mas tendo por base a experiência de fé e de amor, e, como referência, as relações fraternas próprias da comunidade cristã”.³⁷

³² Idem, p. 424.

³³ REIMER, Ivoni Richter, Eficácia da fé na superação das desigualdades. Estudo exegético sobre a carta de Paulo a Filêmon, Ápia e Arquipo. In *Revista Bíblica Latino-Americana (RIBLA)* 28 (1997), p. 74.

³⁴ *BÍBLIA do Peregrino*, 2011, *Filemon*, nota de rodapé dos v. 4-6, p. 2868.

³⁵ Cf. SCHNELLE, Udo, *Paulo: vida e pensamento*, p. 482.

³⁶ Cf. REIMER, Ivoni Richter, *op. cit.* p. 75. (grifo nosso).

³⁷ BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 424-425.

5.2. Onésimo, gerado na prisão (Fm 10-20)

Segundo o que já foi acenado, o corpo epistolar se concentra no essencial, neste caso, na relação entre Paulo, Onésimo e Filêmon.

O parágrafo se compõe de três partes: a *tese principal* (v. 10), a parte *probatória* (vv. 11-19) e a *peroração* final (v. 20).

O v. 10 é, conforme a maioria dos estudiosos, a tese da carta. Aqui, Paulo explicita a motivação principal pela qual escreve a Filêmon: *Onésimo foi gerado por ele na prisão*. A partir de agora, Onésimo é o centro. Como bem explicita Ivoni R. Reimer: “nele se definirá a qualidade do amor-*agápê* e a comunhão da fé, de todo o bem que há em nós através de Cristo”.³⁸ O verbo utilizado exprime uma suplicante exortação (= *parakalô*), com o qual Paulo acentua o forte laço que o une ao interessado: *peço por meu filho, gerado por mim na prisão*.

Paulo qualifica Onésimo como filho (*téknon*). A primeira relação, portanto, que aparece entre Paulo e Onésimo é a de *pai-filho*. Como expressa Giuseppe Barbaglio acerca desta expressão: “a imagem da geração e da filiação não é um simples modo de falar, conhecido no ambiente grego. A sua é uma verdadeira e efetiva paternidade ‘espiritual’, baseada na eficácia da pregação do evangelho”.³⁹

A *Bíblia do Peregrino* comenta: “o escravo fugitivo, acolhido por Paulo, pela conversão é *filho seu*. Como filho de Paulo, deve ser livre e tem o carinho paterno. Mas Paulo renuncia ao segundo direito e devolve o fugitivo, embora com ele vão as “entranhas” do apóstolo: *sua caridade não é fria nem distante*”.⁴⁰

A parte probatória se compõe de quatro fase colocadas em ordem de importância:⁴¹

- a utilidade de Onésimo tanto para Paulo quando para Filêmon (vv. 11-12);
- o serviço de Onésimo pela causa do evangelho (vv. 13-14);
- a nova condição de Onésimo (vv. 15-16);

³⁸ REIMER, Ivoni Richter, *op. cit.* p. 75.

³⁹ BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 426.

⁴⁰ *BÍBLIA do Peregrino*, 2011, *Filemon*, nota de rodapé dos v. 10-12, p. 2868.

⁴¹ Seguimos em linhas gerais as teses abordadas por: PITTA, Antonio, *op. cit.* p. 306-307.

- a autogarantia de Paulo por Onésimo (vv. 17-19).

O *crescendum* das provas é ressaltado pelo progressivo envolvimento dos três interlocutores principais da carta. A inutilidade de Onésimo, pela sua condição de escravo, é transformada em utilidade por causa do seu “ser em Cristo”!

No versículo 11, Paulo relaciona Onésimo, primeiramente com Filêmon e, num segundo momento Filêmon consigo mesmo. Alude ao valor de Onésimo, subvertendo-o: “antes era inútil para ti; agora é útil para ti e para mim”. Como observa Ivoni R. Reimer: “neste jogo de palavras, comum na transação de escravos, conhecido também no mundo judaico, subverte-se o valor de Onésimo”.⁴² Importante observar que o nome Onésimo (*Onésimus*) significa “alguém útil” e se coloca como contraste com o adjetivo *acherestos*, “inútil”. Paulo, assim, subentende que este escravo, agora um cristão, será digno de seu nome.⁴³

As antigas relações na vida cristã estão superadas! Paulo, o demonstra sutilmente: “eu te devolvo este que é como o meu próprio coração” (cf. v. 12). A novidade está tanto na afirmação do envio quanto na identificação de Onésimo com os órgãos vitais de Paulo.⁴⁴

A *segunda prova* aprofunda a utilidade de Onésimo: ele pode ser útil à causa do Evangelho neste tempo da prisão de Paulo. Entretanto, Paulo prefere não abusar da sua autoridade e pede então permissão a Filêmon (vv. 13-14). O versículo 13 explicita bem esta questão: “de bom grado o teria conservado comigo, a fim de que ele me sirva em teu lugar na prisão onde estou por causa do Evangelho”. Sutilmente, como acentua Ivoni R. Reimer, “Paulo equipara Filêmon com Onésimo na questão da diaconia, que na sociedade romana é serviço prestado por pessoas escravas”.⁴⁵ Esta parte da *probatio* retoma o início, reafirmando que Paulo gostaria de ter o consentimento de Filêmon para conservar Onésimo consigo, consentimento esse que pressupõe conhecimento de causa. Mas, o desejo de Paulo é que esse bem seja feito de livre vontade, e não por obrigação.⁴⁶

A *terceira prova* é a mais elevada do ponto de vista teológico: Onésimo tornou-se um amado irmão para Paulo e para Filêmon no Senhor (vv. 15-16). O v. 15 procura dar

⁴² REIMER, Ivoni Richter, *op. cit.* p. 75.

⁴³ Cf. FITZMYER, Joseph A., “A carta a Filêmon”. In *op. cit.*, p. 595.

⁴⁴ Pertinente a tese de Ivoni R. REIMER, *op. cit.* p. 75 ao referir-se ao caráter afetivo que une Paulo com Onésimo. Privando-se dele, portanto, faz um grande sacrifício.

⁴⁵ REIMER, Ivoni R., *op. cit.* p. 76.

⁴⁶ REIMER, Ivoni R., *op. cit.* p. 76.

uma justificativa para o fato de que Onésimo “foi separado” temporariamente de Filêmon. A frase introduzida pelo advérbio “talvez” quer fazer compreender e mostrar para Filêmon que esta separação deve ter tido alguma finalidade. Paulo interpreta no sentido escatológico: “a fim de que o recebas para sempre”.⁴⁷ Interessante observar, como sugere G. Barbaglio, que Paulo não fala de “fuga”, mas de “separação”.⁴⁸

No v. 16, Paulo expressa o coração do texto: “que o recebas para sempre, já não como escravo, mas muito acima de escravo, como irmão amado, especialmente de mim, mas muito mais de ti, quer como homem, quer como cristão”. Este é o desejo expresso de Paulo, que declara a superação do sistema escravagista através da fé e do amor em Jesus Cristo. A acolhida de Onésimo deve se dar na *koinonia*, tanto a nível sócio material, quanto espiritual. Filêmon deve receber Onésimo como irmão amado, não mais como escravo. Sendo irmão, não é possível continuar escravo. As categorias escravo-irmão são incompatíveis, observa Ivoni Richter Reimer.⁴⁹

A *Bíblia do Peregrino* na sua nota explicativa diz que Paulo não visa diretamente a abolição da escravatura, tampouco a condena como imoral. Mas introduz um novo sistema de relação cristã capaz de mudar a relação humana. Ao vínculo de posse sobrepõe-se o de irmandade, que é definitivo. Em termos econômicos, talvez Filêmon saia perdendo; num sistema econômico paradoxal, sai ganhando.⁵⁰

Na *quarta prova*, Paulo garante pagar a Filêmon qualquer dívida em relação a Onésimo (vv. 17-20). Todavia, enquanto Onésimo é devedor para com Filêmon, este é o a Paulo. Não qualquer débito, mas a vida dele mesmo. Um débito espiritual! Esta prova mostra que tanto Onésimo como Filêmon foram evangelizados por Paulo. Sublinha a biblista Ivoni R. Reimer interpretando o v. 17:

Antes de agir para com Onésimo, Filêmon terá que confirmar ou não sua comunhão com Paulo. Sendo sua resposta positiva, deverá acolher Onésimo igualmente como *Koinonón*. Caso contrário, praticamente estará negando sua comunhão com Paulo.⁵¹

Onésimo se torna assim, o ponto de comunhão entre Paulo e Filêmon. Em Onésimo se mostrará a eficácia da *koinonia* (cf. v. 6), de uma nova relação religiosa-social que não faz acepção de pessoas.

⁴⁷ REIMER, Ivoni R., *op. cit.* p. 76.

⁴⁸ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *op. cit.* p. 427.

⁴⁹ REIMER, Ivoni R., *op. cit.* p. 77.

⁵⁰ *BÍBLIA do Peregrino*, 2011, *Filemon*, nota de rodapé dos v. 15-16, p. 2868.

⁵¹ REIMEIR, Ivone R., *op. cit.* p. 77.

5.3. Convencido da obediência de Filêmon (Fm 21-25)

A carta termina com as recomendações finais (vv. 21-22) e o pós-escrito (vv. 23-25). Paulo quer persuadir Filêmon no amor e não pela autoridade apostólica. O pedido explícito é de somente acolher a Onésimo, mas indiretamente quer que Filêmon o deixe livre. Porém, Paulo deixa esta questão à liberdade de Filêmon.

Como diz a *Bíblia do Peregrino*: “talvez insinue a alforria, declarando liberto o escravo. Isso seria fazer ‘mais do que peço’”.⁵²

Considerações finais

Ao longo dos séculos se acusou frequentemente Paulo de tolerar o mal social da escravidão. Isto ocorreu, porque a leitura dos estudiosos era de que, não obstante, o encorajamento implícito para libertar Onésimo, Paulo não escreveu abertamente contra esta instituição social e, portanto, não teria sido fiel ao evangelho, que muda valores sociais injustos estabelecidos.

Hoje, se pode repensar esta questão, a partir da janela da breve Carta a Filêmon. A arte persuasiva de Paulo pede a Filêmon a ir além da generosidade, ou seja, de simplesmente libertar o escravo Onésimo. Paulo tem uma perspectiva teológica: busca persuadir, através da arte retórica, a acolher Onésimo como irmão amado, reconhecendo, assim, sua transformação cristã. Por isso, afirma Raymond Brown: “alguém que agisse assim poderia ser visto como um perturbador da ordem social ou revolucionário; esse, porém, era um preço digno a ser pago pela lealdade ao evangelho”.⁵³

Referências

- ALETTI, J.-N.; GILBERT, M.; SKA, J.-L.; DE VULPILLIÈRES, S. *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*, São Paulo: Loyola, 2011.
BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991 (Coleção Bíblica Loyola – 3).
BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.
BÍBLIA TEB – *Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2ª ed. 2015.

⁵² *BÍBLIA do Peregrino*, 2011, *Filemon*, nota de rodapé do v. 21, p. 2868. Cf. BROWN, Raymond, Carta a Filêmon, In Id. *Introdução ao Novo Testamento*, 2004, p. 669.

⁵³ BROWN, Raymond, Carta a Filêmon, In Id. *Introdução ao Novo Testamento*, 2004, p. 671.

- BORING, M. E. *Introdução ao Novo Testamento: História, Literatura e Teologia. Questões Introdutórias do Novo Testamento e Escritos Paulinos*, Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, Vol. 1, 2015.
- BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.
- PITTA, A. *L'evangelo di Paolo. Introduzione alle lettere autoriali*. Torino: Elledici, 2013, (Graphè 7).
- REIMER, I. R. Eficácia da fé na superação de desigualdades – Estudo exegético sobre a carta de Paulo a Filêmon, Ápia e Arquipo. *Ribla*, 28, Petrópolis: Vozes, 1997, p.67-82.
- SCHNELLE, U, *Paulo: vida e pensamento*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

Recebido em: 23/10/2020

Aprovado em: 24/12/2020